

3ªm Cultural

Margem poética

Ana Paula Simonaciⁱ

ÚLTIMO POEMA DOS ANOS 10

me escute, isto não é
um poema político
seus ecos, nos becos,
suas vozes

isto não é uma crítica a arte contemporânea
em um poema crítico
contemporâneo

animal-poema

partitura
verbal de
caixas torácicas
secas, cheias de flores
e fome
de descobertas
sonoras

atenção: isto não é um poema
sobre medo da morte
e do esquecimento

cordas vocais
instrumento-ferramenta
harpa, arpão

reverberar
a vibração, o eco
ver a vida rebentar
no arpoador

vamos, não é um poema político
tomador
de espaços
de luta

é um animal
selvagem
rugindo

elefantes
dançando
no rio

onça pintada
de sonhos
de liberdade

esses dias te vi
sorrindo e disse
vamos juntos, companheir

este poema-morde

me dê a mão
tenho medo
da morte,
do silenciamento,

tenho medo do esquecimento

faça comigo

um poema

para esquecer

o medo

um poema

de luta, de dor,

de espaço

de vida

um poema

para imprimir os

dias

nos dedos

nos lábios

faça comigo

um poema político

¹ Ana Paula Simonaci é curadora, poeta, editora e pesquisadora, formada como bibliotecária, mestre e doutoranda em Memória Social pelo PPGMS- UNIRIO. Pesquisa nos temas: análise de imagem, análise do discurso com foco em ciência e bandas desenhadas. É também curadora de projetos culturais, como festivais, mostras, exposições literárias, seminários, entre outros. Foi analista técnica na Gerência de Cultura do Sesc Rio de Janeiro, e atuou também na coordenação das bibliotecas fixas e móveis do Sesc Rio, com atividades relativas a livro, leitura e biblioteca e realização de curadoria de projetos culturais, como festivais, mostras, exposições literárias, seminários, entre outros. Com a Gerência de Cultura do Sesc Rio, realizou a curadoria da programação de literatura do Festival Sesc de inverno (2015, 2016 e 2017) e idealizou os eventos literários Leminski-se tenta (Teatro Sesc Ginástico, 2014); Torquato Neto – eu sou como sou (Teatro Sesc Ginástico, 2014); Ferreira Gullar – Porque a vida não basta (Teatro Sesc Ginástico, 2015); Mario de Andrade – Eu sou trezentos e cinquenta (Teatro Sesc Ginástico, 2015); Corrupção & Poder (Sesc Copacabana, 2016); A Palavra Líquida Caio F. Epifânias (Sesc Copacabana, 2016) e A Palavra Líquida Questões de Gênero (Sesc Tijuca, 2017), Circuito de Autores (2017), Circuito de Contadores de Histórias (2017), Festival de Inverno – Tropicália (2018), Circuito de Contadores de Histórias (2017) e A Palavra Líquida – Universo dos Quadrinhos (2018). É autora do livro de poesias *Voo* (2017).

FIM-DE-JOGO

Final

de livro
é sempre terrível.
Pior quando se trata de livros
de título "Poesia completa".
É certeza não só do final do livro,
mas daquele outro fim, nos anos
que se seguem, ao longo das páginas.
Serve pelo menos de desculpa
para se olhar mais atentamente
os poemas. Não porque os poemas
sejam terríveis, não porque seus versos
exijam alguma anedota, mas porque
ao ler a obra completa de um autor
chega-se ao fim da sua existência.
No penúltimo poema publicado
por Drummond em vida, acabou explicando
por que não tinha feito um poema
sobre a Bahia, e em "Outro caderno
de sonetos", Tite de Lemos dedica-o
a Dante Milano, mesmo cariado
pela metástase. O fim de um livro
é sempre terrível. Imagina quando
se trata da última conversa
que se tem com esses amigos
que são os nossos leitores.
Sebastião Uchoa Leite
deixou o legado de uma regra
secreta, Waly anteviu que
teria que pagar logo a "Tarifa
de embarque". Donizete assinou,
por ironia do destino, a obra
derradeira de "O homem inacabado".
Ideal seria que os livros não terminassem...

Angela Melimⁱ

1)

Na Argentina encontrei
meu velho eu
tão jovial qual um novo amor.

Com graça me falou que os aires
são mesmo buenos na capital.
De cachecol azul me piscou um olho só.
Chega de pobreza, intelectual também gosta
que se enrosca
de um bom lençol de algodão
de um malbec!

Apesar de vivermos momentos lancinantes
da luta de classes na América Latina,
fútil e grave
de sapato alto e batom
me diz:
o lugar a que chegamos através das palavras
é estranho a elas
sequer as conhece.
Mas não há outro acesso.

(Essa pelúcia
rosa
do capim
que amacia a íris.
O laço
de fita de organdi

da nuvem
envolvendo o pico.)

Saudades de você!
E num abraço apertado
nos fundimos.

2)

Pelo menos no que depender de nós (num belo dia de chuva na subida de Santa Tereza)

Eu me contento com esta montanha
esfiapada de cinzas
com suas copas escuras de água sólida no formato de folhas
os cabos elétricos
as caixas de transmissão de energia
os invasivos edifícios
agressivos
em que habitam na umidade
as famílias
- homens e mulheres
asmáticos, neuróticos
crianças com olheiras
e nariz escorrendo
velhos da tosse seca -
aceito
por inevitáveis.

Raça de predadores
de todas as cadeias alimentares
e todos os laços.

Enquanto a nuvem branca desce apaixonada
e toma
já a pedra
a encosta intocada
os primeiros blocos brancos de moradas humanas

- e como plana um urubu na bruma! –

conjuro
a inteligência da espécie
- a parte da natureza que se reflete –
responsável pela sobrevivência
até aqui
a se sobrepor aos egoístas
do Lucro
e preservar para Todos
o futuro:

Beleza e Vida.

29/9/2019

3)

Os bons poemas são
prosa abrupta
cortante.
Imediatamente se entende
a fúria
ou a calma imperturbável
deles.

No estrépito está
o jogo das palavras -
choque e sacolejo de vagões engatados.
Atrás dos vidros deslizam as paisagens
que a turba comprimida não avista:
devastações ritmadas tão sonâmbulas
quanto aceleradas.
Nada é difícil no ar condicionado
mas uma pressa horizontal de trilho
urge
e dentro dela
ninguém cede o assento a mulheres
nem velhos.

4)

Os bons poemas são
os últimos.
O que ainda se tem força de buscar.
Dali onde se chegou
- o fim do mar -
avançar
no brilho
ou fundo
sem marear.

ⁱ Angela Melim é escritora e tradutora. Publicou *O vidro o nome* (1974) poemas, *Das tripas coração* (1978) poemas, *As mulheres gostam muito* (1979) prosa poética, *Vale o escrito* (1981) poemas, *Os caminhos do Conhecer* (1981) poemas, *O outro retrato* (1982) prosa poética - manuscrito circulante, *Poemas* (1987), *Mais dia menos dia* (1996) obra reunida, *Possibilidades* (2006) poemas, *Leonardo Fróes* – Coleção Ciranda de Poesia - EdUERJ, 2010, *Más dia menos dia* – tradução para o espanhol da obra completa por Barbara Belloc/Teresa Arijón, Buenos Aires, 2018, *Poetas mulheres* – oficina de poesia (2019). Inéditos: *Ainda ontem* – contos, Prêmio Eneida da UBE-RJ, 1991, *Personagem* – Prêmio de Literatura da Fundação Vitae para as Artes, 2003, *Histórias do coração* – infantil, *O mundo do samba* –2014, *Os Watson* – tradução e ensaio sobre Jane Austen, 2014. Mora no Rio de Janeiro.

NETUNO QUADRATURA SATURNO

Mais uma vez – a terceira ou quarta em quase cinquenta anos
de vida ganha e perdida neste planeta, procurando ao mesmo tempo alçar voo
e deitar raízes,
adaptar-me, ganhar forma e sentido, como um pássaro
de outro continente,
entre exitoso e falho
me emociono diante da Fontana di Trevi:

Fonte de águas claras, e fonte de lágrimas
nos olhos do meu rosto.

Quase cinquenta anos – e o velho
e novo Netuno, como se fosse eterno, no entanto,
como em nenhum outro lugar
no espelho cego
de tão iluminado dessa fonte
acena ainda com suas promessas de glórias e amores.

Do outro lado, do outro lado da fonte, do muro, do outro lado
de Roma, está o Paraíso.
Mas lá não há nada. Seus portais jamais se abrirão. Apenas

uma emoção que ainda me estremece, plantada na minha carne,
como uma saudade de mim mesmo;
(eu, que desconheço quem ou o que sou, e que nunca saberei; eu, que um dia talvez
tenha sido, sem sabê-lo, sem ser nunca quem era)

Netuno na fonte suspira o aceno da redenção,
com suas Vênus e Afrodites, algumas encarnadas
em minha vida, e por elas agradeço e sorrio, e triste
sem saber por que, sem me dar conta, entre discretas águas, nomeio
todas as mulheres que amei, todos os encontros que sempre foram promessas
e porque apenas promessas, encontros infinitos

na Fontana di Trevi,
num trem de Florença a Montepulciano, numa excursão ao Vesúvio,
diante da bancada de peixes da feira de Laranjeiras,
num refrigerador às 3 horas da madrugada num mosteiro
no interior do estado de Nova York,
numa encruzilhada de jardim na Índia,

no pátio de uma escola num bairro de classe média de São Paulo há 40 anos,
na porta de um teatro alternativo em Ipanema,
na cafeteria do Museu de Arte Moderna de São Francisco...

Agora sei que o máximo a nós permitido é apenas isso: contemplá-lo
na forma de Netuno emergindo dos oceanos, jorrando as águas cristalinas
e afrodisíacas, absinto, ambrosia, exigindo
de nossos pobres corpos e mentes que envelheçam com comedimento
nossos pobres, glorificados corpos perdidos nas fronhas do tempo,
para sempre deste lado do paraíso
na grande e pequena plataforma do possível.

Mas para chegar aos cinquenta deve-se muito a Cronos, e nesse mesmo dia
de que é feito a vida no planeta, em giros
e em meio às ruínas do Fórum romano
o que restou do templo de Saturno me diz algo sobre fantasia
e sobre o corpo das meninas
que como alegoria se transfere para toda metafísica,
e sem rimas ou floreios,
sem metáforas, sem rodeios, sem poesia;
quando enfim metemos a língua em seus orifícios
o cheiro é sempre o mesmo.

Templo de Saturno, de joelhos, humilde
peço-lhe apenas as bênçãos para manter-me aqui

com suficiente bom senso e dinheiro.

ⁱ Renato Rezende iniciou seus estudos acadêmicos no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP, e foi diplomado *summa cum laude* como Bachelor of Arts pela University of Boston – Umass/Boston, em 1989. Foi pesquisador do Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC – ECO/UFRJ e do Projeto Prossiga do CNPq entre 1997 e 2002. Foi professor visitante e é mestre e doutor em Arte e Cultura Contemporânea no Instituto de Artes da UERJ e pesquisador visitante do Museo Reina Sofia, em Madrid. É autor de *Ímpar* (Lamparina, 2005, Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Fundação Biblioteca Nacional), *Noiva* (Azougue, 2008), Coletivos (com Felipe Scovino, 2010), *No contemporâneo: arte e escritura expandidas* (com Roberto Corrêa dos Santos, 2011), *Experiência e arte contemporânea* (com Ana Kiffer, 2012), *Conversas com curadores e críticos de arte* (com Guilherme Bueno, 2013), *Poesia e vídeoarte* (com Katia Maciel, Bolsa FUNARTE 2012), *Poesia brasileira contemporânea – crítica e política* (2014), Flávio de Carvalho (com Ana Maria Maia, 2015) e da “Trilogia da Fantasia” (*Amarração*, *Caroço* e *Auréola*), entre outros. Tem apresentado trabalhos de artes visuais em diferentes suportes em eventos como a *Draw_drawing_london biennale* (2006), o festival de poesia de Berlim (com o coletivo GRAP = rap + poesia + grafitti, 2007), o *Anarcho Art Lab*, em Nova Iorque (2011), e o *Urbano Digital*, no Parque Lage, Rio de Janeiro (2009). Em 2014 assinou, em parceria com Armando Lôbo, a obra musical *Noiva – esboço de uma ópera*. Em parceria com Dirk Vollenbroich em 2010 apresentou a intervenção urbana *MY HEART IN RIO*, no Oi Futuro de Ipanema (curadoria de Alberto Saraiva) e em 2015 *S.O.S Poesia*, no MAR – Museu de Arte do Rio (curadoria de Paulo Herkenhoff e Clarissa Diniz). Renato Rezende também é tradutor, editor-chefe da editora Circuito e curador.

II

Quando João Cabral foi afastado do Itamaraty

: isto foi em 1953

por suposta atividade comunista

(afinal o poeta possuía uma prensa manual)

- aqueles cisnes lá do lago do palácio não tomaram conhecimento/o garçom do Vermelhinho que o atendia soube por terceiros/no IPASE o chefe de seção conseguiu enfim comer a curvilínea escriturária/secundaristas do Pedro II trocavam figurinhas antes de bater o sinal de entrada/o center-half não passou no teste do vestiário e desfalcou o time na partida decisiva/secou a água do radiador do Buick, mas o trânsito da Rio Branco não chegou a engarrafar e o jeito foi o chauffeur esperar que o aquecimento arrefecesse

Quando João foi reintegrado,

idem nenhum abalo se notou digno de nota na paisagem sombreada de oitis do Rio

mas o país se engrandeceu

mesmo em surdina

e na ignorância do que sucedera

Quando Vinícius de Moraes

: isto foi em 1969

foi exonerado do Itamaraty

integrando um grupo de não-alinhados à ditadura do AI-5

- aqueles cisnes lá do lago do palácio tinham se mudado para Brasília e também não tomaram conhecimento/as esquinas de Ipanema ficaram mais alegres porém mais densas demograficamente com a explosão imobiliária/afinal, O Pasquim já estava nas ruas/Pelé marcou o gol 1000 e o dedicou às criancinhas/de minha parte eu aprendi a bater punheta

Quando o atual chanceler declarou ao mundo sua fé, sua crença
e sua religião terraplanista, e se declarou de peito aberto e sorriso idiota adversário do
globalismo comunista, e se afirmou o eterno negacionista do óbvio todas as 36 horas do
dia

o mundo todo lamentou não falar português brasileiro
para chamá-lo de chancelelé.

Todos nos apequenamos.

III

BUCÓLICA

baratas bem sabem esgueirar-se junto aos rodapés
dissimuladas
enquanto não encontram o todo
do rebanho rumo do esgoto

morcegos hematófagos revoam ao meio-dia
no pomar
enquanto a seara morre de arrependimento
e troncos pendem dos galhos
gotejantes

na hora de levar a ração aos lobos
reses assistem ao sorteio
enquanto na lixeira ratazanas provocam gatos esqueléticos
intimidados

cardumes de pandorgas são dizimados a esmo
por pedras perdidas em fuga de estilingues
enquanto lamentamos nada
poder fazer

o padre surdo é amasiado com o delegado
dizimador de viados

sou o corpo ao sol
sou a ração dos lobos
no lixão.
não há lobos
na alcateia de hienas.

ⁱ Roberto Bozzetti é carioca, de 1956. Professor de Teoria da Literatura no Curso de Letras da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), tem três livros de poemas publicados: *A tal chama o tal fogo* (Oficina Raquel, 2008), *Firma irreconhecível* (2009) e *Despreparação para a morte* (Texto Território, 2017). Publica com alguma regularidade em *Mallarmagens – revista de poesia e arte contemporânea* (<http://www.mallarmagens.com/>). Manteve de 2011 a 2018, o blog *Firma irreconhecível* (<https://robertobozzetti.blogspot.com/>), atualmente em compasso de espera. É também letrista de canções, tendo parcerias com Fred Martins, Paulino Lêmos, Fernando Pellon e Nino Navarro.

Thiago Amud¹

ACABA

Acaba mundo
não me venham esperança
e flores orvalhadas
guirlandar o alanceado cosmo

Acaba mundo
arrasta presto o torvelinho de desejos
a esperança
e flores orvalhadas

Confunde os olhos
a misericórdia
o ébrio cérebro de Deus
Acaba acaba
pulveriza com turíbulo
incinerador
o corpo glorioso do Filho
a pulcritude da Virgem

Vem, Paráclito
sai de dentro dos esgotos
do satélite, do mal transparente
Vem, Paráclito
conclamo teu assédio
conjuro teu assalto
Vem, columba
quebra o átomo

bomba de rapina
cai no sangue da lua
no sol congelado
no mar de petróleo
na terra confusa

Deixa eu ver o fim do mundo

Acaba explode, véspera do suicida
incomunicabilidade no zoológico
vontade acorrentada em sexo
(eu quero ver a derradeira chispa)
lógica explode explode analogia
império das categorias
simetria caos poesia
acaba explode arco-íris
disco voador
ectoplasma
célula
número
sintaxe
buraco negro

Explode gozo

Explode hora da morte

Acaba satanás inexistente

mas sobretudo, mundo inacabado:

não me deixes aqui
esperançoso de outro mundo
de flores
orvalhadas

QUEDA

QUEDA

Podres símbolos e nomes
Falsa lua numinosa
Instalei dentro da música
O vírus da decadência

Em cadáveres vi anjos
Prótese de eternidade
Esterilizei a música
A fim de sacralizá-la

Pra salvar as torres altas
Onde há monstros de lirismo
Babujei a flor da música
Com língua mumificada

Agora caio no tempo
Na quadra dos homicidas
E arranho o corpo da música
Tal qual fosse um quadro negro

CABEÇA EXPLODE

cabeça explode porque o mundo é pouco
mais que moléculas num entrechoque
de que o ouvido não percebe o espouco
surdo e contínuo que vem a reboque
da queda livre no infinito louco

que a um só tempo é redoma e estoque
desses buracos de silêncio rouco
sem mim, sem ti, sem ninguém que provoque
nenhuma pausa nessa ladainha
desembestada que a gente não pode
ouvir, e no entanto atravessa a espinha,
revolve as tripas e que a gente, só de
pensar, anda em círculos, perde a linha
do entendimento, aí cabeça explode

¹ Thiago Amud é compositor, letrista, arranjador, cantor e violonista. Lançou os discos *Sacradança* (2010), *De ponta a ponta tudo é praia-palma* (2013) e *O cinema que o sol não apaga* (2018). Sua obra vem crescendo a passos, a um só tempo, lentos e largos.

Tito Leiteⁱ

PERSPECTIVA

O sonho
é maior
que a realidade.

Nesse chão
de nulidade
e pássaro

you ficou
em falta comigo.

Eu também
estou em falta
com muitos.

Nesta cidade
de crueldade
e asco

ainda nos resta
conversar
com os esquecidos
da praça

e dizer
que eles
valem mais
que as ervas
do parque.

ⁱ Tito Leite (Cícero Leilton) nasceu em Aurora/CE (1980). É autor do livro de poemas *Digitais do Caos* (Selo edith, 2016). É poeta e monge, mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de ensino de Filosofia, com ênfase em Filosofia política, Ética, Filosofia da Ciência e da Tecnologia. É curador da revista *gueto*. Tem poemas publicados em revistas impressas e digitais. *Aurora de Cedro* é o seu segundo livro.

Túlio Ceci Villaça¹

Acho que nunca vi a Rua Castro Alves sem carros.
É um bocado movimentada,
Onde o 623 dá a volta
Antes de passar no Norte Shopping.
Tinha uma biblioteca pública
Chamada Lima Barreto,
Que viveu não muito longe dali.
Nela li a prestações a Estrela de Vida Inteira,
Do Manuel Bandeira.
Depois a prefeitura acabou com a biblioteca
Sem dar satisfação a ninguém,
Mas ninguém reclamou.
O pessoal do Méier é muito desunido.

Minha mãe morou na Rua Castro Alves mocinha,
Com minha avó e a Tia Rosa.
Imagino que naquela época o tráfego era menor.
Se não me engano, o bonde passava ali.
Minha mãe contava do árabe
Que vinha de mês em mês fazer não lembro mais o que
E uma vez, ela ainda menina,
Ao vê-lo na porta saiu gritando:
“É o turco! É o careca! É o turco! É o careca!”
Matando a mãe e a tia de vergonha.
Ou da Tia Rosa, que quando tomava vinho licoroso
Ficava com a cara vermelha e ria, ria, ria, ria,
E ela própria ao contar isto
Ficava vermelha também e ria, ria, ria, ria.

E às vezes, no fim da tarde ou começo da noite,
Por acaso minha mãe chegava à janela da sala,
Que dava para a rua,
Que naquele momento estava estranhamente deserta,
Mesmo para uma época de menos carros,
E então avistava um cavalo branco
Sem sela nem cavaleiro,
Vindo no começo da Rua Castro Alves.
O cavalo vinha a toda a brida
Galopando desabalado,
Passava em frente da casa
E desaparecia esquinas adiante.
E quando isto acontecia
Minha mãe sabia
Que alguém da família ia morrer.

Nunca falhou.
Não lembro quem foram as pessoas,
Mas era em menos de uma semana,
Às vezes no dia seguinte.
Aconteceu quatro ou cinco vezes,
Mas ela não ficava desesperada.
Era antes uma serenidade,
Talvez próxima do encantamento.
Dias depois chegava a notícia,
E acho que ela só contou a relação
Entre suas visões e as mortes
Anos mais tarde.
Hoje há carros demais na Rua Castro Alves,
E bondes e cavalos de menos,
As lembranças de minha mãe
Vão se apagando na minha memória
E ela, leitora ávida de romances baratos,
Nunca desconfiou que passou parte da juventude
Dentro de uma história de realismo fantástico.

Homem branco anda pela rua
Com uma sacola de supermercado
Levando dois litros de água sanitária
Para lavar o banheiro.

Homem branco passa por homem negro
De meia idade parado em frente
A uma lata de lixo.

Homem negro segura um plástico
Transparente com restos de uma pasta
Vermelha e a lambe apetitosamente.

Homem branco dá dez passos
Tentando furiosamente pensar em outra coisa,
Fracassa e vomita na calçada o café da manhã.

Homem vendedor ambulante de café
Acode homem branco,
Pergunta se está tudo bem,
Oferece um cafezinho de graça.

Homem branco recusa e agradece
E segue para casa
Lavar o banheiro.

Homem negro,
Dez passos atrás em frente à lata de lixo,
Continua sua refeição.

O escriturário
Mantinha grandes as unhas da mão direita,
Não porque ainda tocasse violão,
Mas apenas para não esquecer quem era.

Injejava
Os capazes de vestir
Com natural elegância
A roupa que lhes calhasse.

Mas quando
Punha trajes elegantes
Sentia-se disfarçado,
Andava na rua incógnito

¹ Túlio Ceci Villaça é formado em publicidade na ECO/UFRJ e cursou música na Escola Villa-Lobos e na UNIRIO. Atuou como músico, arranjador, compositor e regente de coros, como arte educador, e hoje como crítico musical no blog Sobre a Canção (<https://tuliovillaca.wordpress.com/>). Tem publicados os livros de poesia *Antifonária* (digital no endereço (<http://antifonaria.blogspot.com/>), em 2007, e *Logopeia* (Ed. Moinhos), em 2016.